IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS EM TORNO DA JUVENTUDE EM RACIONAIS MC'S: ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DA MÚSICA "A VIDA É UM DESAFIO"

Sofia Mendes[1]
Ana Carolina Gonçalves Reis[2]

Resumo
Este trabalho objetiva identificar e analisar os imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2017) sobre a juventude mobilizados na música "A vida é um desafio", do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC's, presente no álbum "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia" (2002). Como aporte teórico-metodológico, utilizou-se a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau para compreender de que maneira os saberes de conhecimento e de crença acionam determinadas representações da juventude periférica. Delimitou-se as circunstâncias materiais e formais do contrato de comunicação que abarca a música, buscando-se delinear, ainda,o contexto socio-histórico da sua criação. A partir da análise empreendida foi possível constatar que a juventude periférica é retratada como marginalizada pela sociedade, contudo, deve ter aspirações pelas quais precisa lutar. Verificou-se, ainda, que o locutor busca criar uma identificação com o destinatário idealizado da canção a partir do relato de questões comuns aos universos desses sujeitos do discurso.

Palavras-chave: Imaginários Sociodiscursivos. Juventude. Racionais MC's. Teoria Semiolinguística.

Abstract
This work aims to identify and analyze the sociodiscursive imaginaries (Charaudeau, 2017) about youth mobilized in the song "A vida é um desafio", by the Brazilian rap group Racionais MC's, on the album "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia" (2002). Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory was used as a theoretical-methodological framework to understand how knowledge and belief trigger certain representations of peripheral youth. The material and formal circumstances of the communication contract that encompasses the song were delineated, as well as the socio-historical context of its creation. From the analysis undertaken, it was possible to see that peripheral youth is portrayed as marginalized by society, yet they must have aspirations that they need to fight for. It was also found that the speaker seeks to create an identification with the idealized recipient of the song by reporting on issues common to the universes of these subjects of discourse.

Keywords: Sociodiscursive Imaginaries. Youth. Racionais MC's. Semiolinguistic theory.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe identificar e analisar os imaginários sociodiscursivos em torno da juventude periférica construídos na música *"A vida é um desafio"*, do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC's. Tal música fora lançada em 2002 no álbum *"Nada como um dia após o outro dia – Chora agora"*. Trata-se este de um esboço de um estudo que pretendemos desenvolver em nossa pesquisa de Mestrado (em andamento), o qual tem como objeto central a análise dos imaginários sociodiscursivos (que denominamos) de "sujeito periférico" acionados pelo grupo musical.

[1] Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de Viçosa (Univiçosa); Mestranda em Estudos do Discurso pela UFV/CAPES. E-mail: sofia.mendes@ufv.br
[2] Bacharela em Secretariado Executivo Trilíngue (UFV); Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG; Professora Adjunto IV da UFV. E-mail: carolinareis@ufv.br

Como arcabouço teórico e metodológico, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa, especificamente a Teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau. Ancoradas nesse instrumental, procuramos delinear os aspectos contratuais que sobredeterminam a troca comunicativa na/pela música, definir os sujeitos em interação na referida troca e determinar as circunstâncias materiais e formais, atrelando esses aspectos ao contexto socio-histórico em que se insere a composição da música (e do grupo).

Para respaldar nossas discussões, trazemos também algumas considerações sobre o conceito de juventude, à luz de algumas perspectivas sociológicas. Nesse sentido, apresentamos definições desenvolvidas ao decorrer da história, buscando compreender de que forma esse conceito nos possibilita refletir sobre o *corpus* escolhido para esta oportunidade.

A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

A Teoria Semiolinguística (TS) foi proposta por Patrick Charaudeau em 1983 no seu livro "*Langage et discours: éléments de sémiolinguistique"*, resultado de sua tese de doutorado. Enquadra-se como vertente do campo de estudos da Análise do Discurso de linha francesa. A proposta do autor fora elaborar um aparato teórico e metodológico de análise, o qual trazia categorias importantes para se pensarem as interações entre os sujeitos de dado ato de linguagem, tomados sob uma perspectiva psico-socio-linguageira (Charaudeau, 2014).

Para a semiolinguística, os sentidos são co-construídos na interação entre locutor e interlocutor em circunstâncias sociodiscursivas que regem essa interação. O discurso, no ponto de vista desse pesquisador, é um produto de uma construção, a um só tempo, linguística e social. Assim, é preciso que o analista do discurso leve em consideração não só a materialidade linguageira para investigação, mas que tome, também, o contexto histórico, político e social em que determinado projeto de fala se insere.

Para o autor, o ato de linguagem é visto como uma encenação de papéis atribuídos pelo contexto social, inserida em um quadro comunicativo que estabelece um espaço interno (seres de fala) e um espaço externo (seres sociais), determinado por certas circunstâncias materiais e formais do discurso.

Essas circunstâncias estabelecem um conjunto de regras, denominado contrato de comunicação:

> Denominamos *Contrato de comunicação* o ritual sociolinguageiro do qual depende o *Implícito codificado* e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (*circunstâncias de discurso*) do

> ato de linguagem. O *Contrato de comunicação* fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem (Charaudeau, 2014, p.60)

Essa noção nos diz que para a interação comunicativa obter êxito é preciso que os sujeitos reconheçam seus papéis linguageiros, suas identidades, a finalidade imposta pelo projeto de fala e que pertençam ao mesmo campo de práticas sociais. Assim, o ato será pertinente na medida em que o contrato comunicacional é reconhecido pelos parceiros interactantes, dado que ele sobredetermina tal troca.

Charaudeau (2014) nos explica que toda atividade de troca linguageira é composta por quatro sujeitos: o comunicante (EUc), o enunciador (EUe), o destinatário (TUd) e o interpretante (TUi). O autor argumenta que, para o sujeito comunicante (EUc) ter sucesso no ato de linguagem, irá idealizar dois sujeitos no discurso: o enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUd). Logo, por meio de estratégias discursivas, o EUc busca produzir efeitos de sentidos que pretende que sejam reconhecidos pelo sujeito interpretante (TUi). O ato de linguagem é visto, pois, como um encontro dialético entre o processo de produção, criado pelo comunicante dirigido a um destinatário, e o processo de interpretação, criado pelo sujeito interpretante por meio da construção da imagem do enunciador (Charaudeau, 2014).

Os sujeitos da troca comunicativa, então, são tomados por uma perspectiva interna e por uma perspectiva externa à fala configurada: o discurso emerge justamente na articulação entre as esferas linguística (presentes o EUe e TUd) e situacional (localizados o EUc e TUi). Conforme o autor nos explica, o termo discurso pode ser entendido de duas maneiras: 1) como a encenação do ato linguageiro; e 2) como o conjunto de saberes partilhados por sujeitos pertencentes a um mesmo grupo de práticas sociais.

Sobre essa segunda concepção, Charaudeau (2017) compreende que os saberes partilhados por dado grupo social formam os imaginários sociodiscursivos, que consistem no conjunto de explicações, justificações e formas de apreensão do mundo, emergindo da mecânica das representações sociais. O semiolinguista entende que o fenômeno é sociodiscursivo por ser resultado da atividade de linguagem e difundido por meio da fala.

Os saberes, que engendram os imaginários sociodiscursivos, são estruturados em dois tipos: saberes de conhecimento e de crença. O primeiro estabelece uma verdade acerca dos fenômenos do mundo e são divididos em saber científico, em que as explicações do mundo e seu funcionamento possuem bases procedimentais de investigações; e saber de experiência, em que as explicações partem do conhecimento comum, sem comprovação da ordem científica (Charaudeau, 2017). Já os saberes de crença, por sua vez, relacionam-se a avaliações, julgamentos, valorações e apreciações dos sujeitos sobre o mundo: “se encontra no sujeito, procede do sujeito (in-sujeito), e é portador de julgamento” (Charaudeau, 2017, p. 582). São

subdivididos em saber de revelação e saber de opinião. No saber de revelação, o lugar da verdade é exterior ao sujeito; essa verdade, contudo, não pode ser provada nem verificada, havendo apenas a adesão dos sujeitos, como no caso das doutrinas e ideologias (Charaudeau, 2017).

O saber de opinião surge do processo de avaliação e julgamento, do qual o sujeito toma partido: “a opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre saberes circulantes nos grupos sociais” (Charaudeau, 2017, p. 584). Logo, ele é ao mesmo tempo pessoal e partilhado, por carregar um julgamento específico e usado como saberes partilhados (Charaudeau, 2017).

Os saberes de opinião são divididos em: opinião comum, em que se transmite uma posição generalizada compartilhada; opinião relativa, em que a posição tomada refere-se a um grupo específico e está geralmente presente em espaços de debate; e opinião coletiva, que diz respeito ao julgamento de um grupo determinado em relação a outro grupo, como forma de categorização (Charaudeau, 2017).

Por meio do engendramento dos saberes, os imaginários se constituem, manifestando-se nas mais diversas trocas linguageiras. São difundidos nas sociedades funcionando como referência simbólica para os sujeitos. São a um só tempo abstratos e coletivos, na medida que a atribuição de sentidos acontece com o conhecimento da realidade e a vivência desta em grupo. Assim, são representações coletivas construídas, as quais, de um lado, geram sentimento de pertencimento dos membros de dada coletividade, e, de outro, atestam a diferenciação em relação a grupos outros.

A JUVENTUDE

O conceito de juventude não se desenvolveu de maneira uniforme no campo da Sociologia e suas definições carregam consigo problematizações sociais e culturais capazes de percebê-la para além da sua definição em um período cronológico. Traçaremos aqui algumas acepções trabalhadas ao longo da história por determinados teóricos.

Como objeto de estudo, tal conceito passa a ter mais destaque com a transição do século XIX para o século XX, ao ser associado a um estágio perigoso e frágil da vida, já que é um período marcado por emoções conturbadas, como a agressividade, a impulsividade, a curiosidade sexual e a instabilidade emocional (Cassab, 2011).

Groppo (2017, p.25) explica que na primeira metade do século XX, as teorias estruturalistas-funcionalistas orientam as concepções tradicionais de juventude e tendem a “concebê-la como um processo social de ‘mão única’, e que tende a interpretar a resistência

dos corpos e coletivos juvenis como ‘disfunção’ ou anomia”. Segundo o autor, essa corrente teórica caracteriza a juventude como potencialidade ao desvio, faixa etária, como uma transição para a vida adulta conectada aos processos de sociabilização e destinada a reproduzir padrões sociais pré-estabelecidos. Essas teorias tradicionais contribuíram, mais tarde, para os estudos das teorias críticas nos anos de 1960, que possuíam como característica principal a relação estabelecida entre a estrutura socioeconômica e a experiência juvenil (Groppo, 2017).

Pais (1990) explica que, na década de 1960, a juventude era associada a uma rebeldia, definida, pois, como protagonista de uma crise de valores e conflitos relacionados à moralidade e à cultura. Tal perspectiva foi motivada pelos movimentos de contracultura que se destacaram nesse período, colocando a juventude como grupo mobilizador de mudanças sociais.

A partir da década de 1970, a dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho tornou-se tópico de estudo sobre a juventude e “quase se transformou numa categoria econômica” (Pais, 1990, p. 143). Segundo o autor, até o final da década de 1960, as teorias dominantes estabeleciam a juventude como representação social homogênea, em que os jovens possuíam as mesmas características sociais independentemente do contexto sociohistórico em que estavam inseridos. Com a virada para 1970, foram-se reconhecendo outros fatores, como classe e gênero, que influenciavam as experiências juvenis (Pais, 1990).

Ainda sobre as correntes teóricas, Pais (1990) as agrupa em duas vertentes: a geracional e a classista. A primeira entende a noção de juventude como fase de vida e realça um aspecto unitário, onde as tensões sociais são movidas pelas relações estabelecidas por indivíduos, e a formação da juventude como geração social depende das descontinuidades intergeracionais, que ocorrem quando uma geração se define em relação às anteriores, seja por imitação, seja por oposição, formando uma cultura juvenil distinta (Pais, 1990).

Já para a segunda (classista), a juventude está relacionada às relações de classe e à transição dos jovens para a vida adulta, sendo sempre pautada pelos mecanismos de reprodução classista. Assim, a juventude, como categoria, será movida pelas condições de classe impostas pelo sistema capitalista, sendo as experiências influenciadas pela origem social do ser jovem. Nesse sentido, as culturas juvenis são produto das relações antagônicas de classe e por vezes são apresentadas como “culturas de resistência”, pois surgem como resposta a problemas compartilhados por jovens de determinada camada social (Pais, 1990).

Essa corrente argumenta, ainda, que a condição social é determinante na forma pela qual os jovens se inserem no mercado de trabalho, fracionando-os entre os “profissionalmente inseridos” e os “condenados a tempos livres forçados”, que podem enfrentar maior vulnerabilidade social (Pais, 1990).

Diante das noções apresentadas, o conceito de juventude partirá de três acepções: definido como recorte etário; como relacionada à fase de transição para a vida adulta; e como associado a projeto de futuro (Cassab, 2011). Em todas as acepções, a juventude é significada como representação social, uma categoria que será modificada conforme os processos de transformações sociais:

> A juventude é, portanto, também uma representação simbólica fabricada pelos grupos sociais. Esse é o sentido de se afirmar a juventude como uma categoria socialmente construída. Ou seja, uma representação forjada, tanto pelos grupos sociais, quanto pelos próprios jovens, e que busca traduzir um conjunto de comportamentos, atitudes, aparências a ela atribuídos [...] Sendo categoria social, a juventude é constantemente construída e reconstruída no próprio movimento da sociedade, diferenciando-se espacial e temporalmente. (Cassab, 2011, p. 159).

Nesse sentido, dado que a juventude é uma categoria socialmente construída, podemos dizer que tal conceituação é mutável a depender do tempo, do espaço e do contexto sociopolítico em que se insere. Calcadas nessa perspectiva, argumentamos que a juventude seria uma construção significante de um dado fato do mundo, logo, está circunscrita em um conjunto de imaginários sociodiscursivos, relacionada a crenças e a saberes partilhados pelos indivíduos de um determinado grupo social.

DA ANÁLISE

DEFINIÇÃO DO CORPUS

Definiu-se como *corpus* para a investigação dos imaginários sociodiscursivos concernentes à juventude periférica em Racionais MC's a letra da música *"A vida é um desafio",* que integra o álbum *"Nada Como Um Dia Após o Outro Dia"* (2002). Esse álbum marca uma maior notoriedade nacional do famoso grupo de *rap* brasileiro, que apresentava, à época (2002), lapso temporal de cinco anos sem álbum de estúdio. Conforme nos explica D'Andrea (2013), o conjunto musical passou a mostrar, com suas letras, no retorno desse "intervalo", uma reflexão mais intensa sobre as questões internas e subjetivas dos seus integrantes.

O álbum contém 21 músicas e é dividido em duas partes, intituladas *"Chora Agora"* e *"Ri Depois"*. A canção por nós estudada compõe o primeiro disco e possui sete minutos e quinze

segundos. Na busca de fidedignidade nas informações, a letra foi transcrita diretamente pelas autoras da mídia disponibilizada no perfil do *YouTube* do grupo[3].

Essa canção retrata as dificuldades sociais enfrentadas pela população periférica da cidade de São Paulo/SP, que enxergaria no crime a única saída para obter uma vida próspera. Apesar do EUe não demarcar para qual categoria social se dirige, a partir das concepções de juventude apresentadas no decorrer deste texto, de ser um período marcado por grandes desafios e dúvidas, é possível analisá-la como um aconselhamento aos jovens ouvintes do grupo.

A escrita da composição parte da fala coloquial e utiliza de marcadores linguageiros culturais das periferias urbanas, a exemplo do trecho “qual é a fita, a treta, a cena/ a gente reza, foge, e continua sempre os mesmos problema /mulher e dinheiro 'tá sempre envolvido” (Racionais MC’s, 2002).

DOS SUJEITOS

O sujeito comunicante (EUc) identificado é a instância compósita Racionais MC’s, grupo musical de *rap* formado em 1988 por quatro integrantes, todos negros e com raízes no bairro de Capão Redondo, região periférica da cidade São Paulo: Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões). O sujeito enunciador (EUe), isto é, a projeção discursiva da instância de produção do discurso, é Edi Rock, compositor[4] da música “A vida é um desafio”.

O sujeito destinatário (TUd), ou seja, a quem a construção da letra é direcionada, seria a juventude periférica de todo Brasil, já que, naquele momento, o grupo possuía reconhecimento nacional. O sujeito interpretante (TUi) será qualquer ser social que terá acesso à música e a interpreta. Sobre esta, convém pontuar que há como o EUc ter domínio sobre quem receberá o ato de linguagem.

DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

D’Andrea (2013) explica que foi a partir do lançamento *“Raio X do Brasil”* que o grupo foi conhecido e reconhecido por toda a periferia paulistana, passando a ser notado inclusive por

---

[3] RACIONAIS TV. **A vida É Desafio - Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Chora Agora)**. Racionais TV, 6 mar. 2017. 1 vídeo (7min14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao&ab_channel=RacionaisTV>. Acesso em: 15 de abr. 2024.

[4] CORTES PODPAH [OFICIAL]. **Edi Rock comenta a música "A Vida É Um Desafio"**. Cortes PodPah, 15 set. 2021. 1 vídeo (6min45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cqy1lQO7b3I>. Acesso em: 22 de ago. 2024.

pessoas que não participavam do movimento *hip-hop*. Com o lançamento de "*Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*" (2002), os Racionais MC's começaram a ter visibilidade nacional no cenário musical.

Como mencionamos anteriormente, houve uma pausa de cinco anos do grupo após o lançamento do álbum *"Sobrevivendo no Inferno"* (1997). Segundo D'Andrea (2013), "*Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*" reflete um amadurecimento dos Racionais MC's, constituindo uma construção em um momento de reflexão da própria historicidade do indivíduo como sujeito, com a apresentação de um olhar mais subjetivo à posição ocupada pela periferia na esfera social.

É importante ressaltar um aspecto em relação ao lugar de onde vêm os sujeitos criadores da música, o bairro Capão Redondo. Trata-se de um distrito periférico-sul da capital paulista, berço dos Racionais MC's, citado em muitas canções do grupo, por sinal. Em uma pesquisa rápida na plataforma *Google Maps*, o bairro fica a quase 20 km[5] da Avenida Brasil, via que liga diversas regiões valorizadas da cidade de São Paulo.

Righti (2011) explica que esse antagonismo de regiões acentua as desigualdades e divide a cidade em "duas São Paulo":

> Dados de 2008 registram que São Paulo possui a segunda maior frota de helicópteros do mundo; por outro lado, segundo Dabène (2006), o Capão Redondo registrava em 1999 um dos maiores índices de homicídios da Capital, ultrapassando 120 assassinatos para cada 100 mil habitantes; o índice de vulnerabilidade juvenil da localidade era o mais alto da cidade; as menores taxas de escolaridade e de renda per capita de São Paulo também estão no Capão Redondo. (Righti, 2011, p. 93)

Esse cenário de disparidades sociais é narrado pelo grupo em suas produções. Em "*A vida é um desafio"*, o sujeito enunciador exprime as dificuldades enfrentadas pela juventude na periferia e essa vulnerabilidade social vivenciada pela população juvenil é bem demarcada na música, como, por exemplo, no trecho "Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol/ Vai vendo!/ Mas o sistema limita nossa vida de tal forma/E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver" (Racionais MC's, 2002).

DOS IMÁGINARIOS SOCIODIRCURSIVOS EM *A VIDA É UM DESAFIO*

Na análise da música *"A vida é um desafio*", de Racionais MC's (2002), buscou-se identificar quais são e de que maneira são mobilizados os saberes de conhecimento e de crença na formação dos imaginários sociodiscursivos concernentes à juventude periférica.

[5] Rota feita pela plataforma Google Maps. Disponível em: < https://maps.app.goo.gl/7Ujzi367U8zSShLk6>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Pudemos identificar a mobilização do saber de experiência, relacionado aos saberes empíricos sobre o mundo, ao longo da narrativa: o enunciador conta uma história que parece ser a comum entre os cidadãos da periferia:

> A gente reza, foge, continua sempre os mesmo problema
> Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
> Vaidade, ambição, munição pra criar inimigo
> Desde o povo antigo foi sempre assim
> Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim (Racionais MC's, 2002).

Nesse trecho, depreendemos que determinados sentimentos ou estados podem gerar desafetos no ambiente periférico. É curioso observar uma associação com a esfera religiosa, pois o discurso bíblico é utilizado pelo o EUe para validar esse tipo saber. Assim, entende-se que qualquer sujeito do mesmo ambiente social que tenha essas caracterizações (esses "pecados") poderá ter oponentes.

Como explicamos anteriormente, os saberes de revelação são referentes à adesão do sujeito a um conhecimento exterior a ele.Surgem de testemunhos e referências sagradas, por isso, não podem ser comprovados. No *corpus*, identificamos:

> Que a sua família precisa de você
> Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
> Falo do amor entre homem, filho e mulher
> **A única verdade universal que mantém a fé** (Racionais MC's, 2002, grifo nosso)

Nesse trecho, apesar de não haver uma referência direta a nenhum texto sagrado, o sujeito enunciador mostra acreditar que a família é um valor inquestionável para se manter a fé e esperança. Percebe-se a mobilização do imaginário que tem o ambiente familiar como pilar e que diante das dificuldades enfrentadas pelo jovem, deve sempre ponderar pelo bem maior que é a família.

Os saberes de opinião, a seu turno, apresentam-se na forma de avaliações, de julgamentos realizados pelos sujeitos sobre os fenômenos do mundo, sendo partilhados por dada coletividade. Podem ser divididos em opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva.

A opinião comum pode ser identificada em:

> É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
> Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
> Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
> Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem (Racionais MC's, 2002)

As opiniões comuns são partilhadas de formas generalizadas, como as expressões populares e os provérbios (por exemplo o dito, "a esperança é a última que morre"). No trecho

acima, verifica-se que o sujeito enunciador faz uso da terceira pessoa, o que se traduz em um pretenso apagamento do julgamento de quem fala, para estabelecer uma verdade supostamente objetiva, assertiva, por meio de determinados enunciados. É como se o empenho pessoal fosse "arma" frente a um desfavorecimento social. Há pois, um certo encorajamento.

Já no que diz respeito à opinião relativa, destaca-se:

> Geralmente quando os problemas aparecem
> A gente tá desprevenido, né, não? Errado!
> É você que perdeu o controle da situação, sangue bom
> Perdeu a capacidade de controlar os desafios (Racionais MC's, 2002).

Na opinião relativa, o sujeito faz um julgamento concordando ou não com uma ideia. Nesse trecho, o sujeito enunciador discorda que os problemas surgem pelo acaso; ao contrário, surgem pela ausência de preparo e pela perda do controle. Ele reforça, ainda, que é preciso desenvolver habilidades para que o jovem periférico enfrente melhor as adversidades.

Nesse trecho, é interessante observarmos que a música busca de certo modo suscitar uma identificação com seu destinatário idealizado em relação aos valores colocados em cena pelo enunciador. Dito de outra forma, há uma espécie de interlocução na qual o interlocutor é impelido a refletir sobre o que está sendo enunciado. Segundo Charaudeau (2014), podemos dizer que se trata de uma estratégia para captar o sujeito alvo do discurso, de forma a levá-lo a aceitar aquela "verdade".

Noutro giro, os saberes de opinião coletiva aparecem em:

> **Ser empresário não dá, estudar nem pensar**
> Tem que trampar ou ripar para os irmãos sustentar
> **Ser criminoso aqui é bem mais prático**
> Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
> Será instinto ou consciência
> Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência (Racionais MC's, 2002, grifos nossos)

Aqui, há o objetivo de transmitir uma opinião para categorizar certo grupo por outro grupo, ao classificar ações possíveis para o contexto social periférico e para um contexto daquele que detém os meios de produção. No trecho, o enunciador afirma que o caminho mais rápido para se ter uma vida próspera na periferia seria a vida criminosa, já que não há condições para se estudar ou empreender um negócio. Constata-se, pois, uma alusão a um TUd específico: a juventude periférica que se envereda pelo crime como forma de resolução dos problemas financeiros, segundo o EUe, mais viável naquele contexto, ideia confirmada no decorrer da canção. Pode-se dizer que há um reforço do imaginário que relaciona a vida na

periferia a um caminho predestinado, relacionado à busca pelo sustento da família, o que não abriria chances para se pensar em outra realidade, aquela vislumbrada, entendemos, pelas classes favorecidas.

É possível pensarmos, por meio de alguns fragmentos apresentados da música, que a juventude periférica vive em uma dualidade atribuída pelo próprio contexto social: o desejo de melhorar de vida pelos estudos e trabalho se contrapõe à presença do crime no cotidiano, que pode ser a escolha mais imediata e rentável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar a mobilização dos imaginários sociodiscursivos, mais especificamente, dos saberes de crença e de conhecimento, acerca da juventude periférica na música *"A vida é um desafio"*, do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC's. Utilizou-se como aporte teórico-metodológico alguns conceitos da Teoria Semiolinguística desenvolvida pelo pesquisador Patrick Charaudeau, assim como determinadas ponderações sobre a juventude.

Por meio de uma breve investigação empreendida, foi possível constatar que os imaginários sociodiscursivos acerca da juventude periférica na letra objeto de estudo são mobilizados pelo sujeito enunciador sobretudo por meio do engendramento dos saberes de crença. Nesse tipo de saber, o homem se impõe ao mundo na construção da significância de forma subjetiva, aplicando avaliações e julgamentos conforme sua inserção em determinado contexto social.

Em nossa análise, pudemos constatar, particularmente, a mobilização dos saberes de opinião, com a utilização do uso da terceira pessoa e de marcadores linguísticos para demarcar o local de que se fala/ para quem se fala. O enunciador constrói seu discurso de modo a suscitar a ideia de que é possível superar as adversidades sociais periféricas pelo esforço pessoal.

Ainda, entendemos que a letra busca promover uma identificação do grupo com seu TUd, qual seja, a juventude periférica, em uma troca comunicativa que parece não só refletir suas condições, mas estimular uma reflexão em torno de tais condições e servir como espécie de aconselhamento pelo EUe: na posição de um fazer-saber (levar um saber a quem se presume não possuir), o enunciador leva seu destinatário a um dever-saber e a um dever-fazer.

Como apontamentos para estudos futuros, questionamos se, como período de transição, a juventude periférica é representada da mesma maneira que a juventude de classes sociais mais elevadas. Esse período, marcado por incertezas, por escolhas sobre projetos de vida,

como entendem muitos autores, são cabíveis na periferia? Essa demarcação da juventude como transição para a fase adulta é presente quando se pensa no jovem periférico? São essas as questões que pretendemos deixar para pensarmos em outras oportunidades.

REFERÊNCIAS

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 146-158, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20352>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 7, p. 571-591, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>. Acesso em: 19 maio 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 256 p.

D´ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação do Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php >. Acesso em: 27 maio 2024.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 165 p. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/28-GROPPO-Introducao-a-sociologia-da-juventude.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise social**, Lisboa, v.25, n. 105/106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41010794>. Acesso em: 20 abr. 2024.

RACIONAIS TV. **A vida É Desafio - Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Chora Agora).** Racionais TV, 6 mar. 2017. 1 vídeo (7min14s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao&ab_channel=RacionaisTV>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia**. Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/47714708.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024.